

**JOANA DARC LEMES
RA 0320954**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO
LÍNGUA PORTUQUESA, COMPREENSÃO E
PRODUÇÃO DE TEXTOS**

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E PRECONCEITO SOCIAL

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE SÃO PAULO – MOEMA
JABOTICABAL – SP
2009**

**JOANA DARC LEMES
RA 0320954**

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E PRECONCEITO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientador: Prof^º. Djenane Sichieri Wagner Cunha

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE SÃO PAULO – MOEMA
JABOTICABAL – SP
2009**

Dedico

a minha família e amigos pelo incentivo na execução deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha Origem, Sustentação e Destinação.

A Professora Djenane Sichieri Wagner Cunha, minha tutora, pelo estímulo e atenção que me concedeu durante todo o curso.

Aos professores e funcionários da Faculdade São Luís, pela atenção e presteza com que sempre me atenderam.

Aos Colegas de curso pelo incentivo, troca de experiências e possibilidade de um convívio num ambiente de paz e harmonia.

A todos os meus familiares e amigos pelo apoio e colaboração.

O SUPREMO DOCUMENTO

- 1 - *Eu sou o Senhor teu Deus, não há outro Deus.*
- 2 - *Não farás imagens quaisquer, para as adorar.*
- 3 - *Não pronunciarás em vão o nome de Deus.*
- 4 - *Terás um dia, na semana, para descanso e recolhimento.*
- 5 - *Honrarás pai e mãe.*
- 6 - *Não matarás.*
- 7 - *Não cometerás adultério.*
- 8 - *Não furtarás.*
- 9 - *Não darás falso testemunho.*
- 10 - *Não desejarás o que é do teu próximo.*

RESUMO

A variação da língua é um fato incontestável, conforme a nova lingüística, é gradual e constante desde do nascimento do latim que é a língua mãe do português, até os dias atuais, variantes que contribuíram para a adaptação e atualização da comunicação, frente à dinâmica da sociedade.

A linguagem multiforme é influenciada por vários fatores como o histórico, geográfico, social e estilístico, entre outros.

Em nossas pesquisas vimos que as variações não acontecem da noite para o dia, elas são, como já dito anteriormente, graduais e constantes, como respostas a evolução da humanidade.

A assimilação dessa pluralidade que é a variação da língua, é saudável em função da nova ótica da sociedade, no surgimento de novas profissões, novos meios de comunicação, formas de protestos e manifestações artísticas etc.

Relatamos, entretanto, o nosso entendimento de que é necessário um equilíbrio, um mecanismo de busca, uma referência, que é a língua culta, para que não haja uma dispersão acentuada da forma padrão, ou seja, o distanciamento dos símbolos da grafia que promovem a formatação da nossa comunicação escrita, visto que essa linguagem culta é fator de ascensão social.

Em decorrência dessas pesquisas, verificamos a riqueza de nossa língua e chegamos à conclusão, o quão é importante ampliarmos o leque do nosso conhecimento para que possamos nos valer da versatilidade na comunicação, evitando os preconceitos sociais decorrentes das variações lingüísticas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I - LINGUAGEM MULTIFORME	11
1.1 Fatores promotores das variantes.....	12
1.2 Variação histórica.....	12
1.3 Variação geográfica.....	14
1.4 Variação social.....	16
1.5 Variação estilística.....	17
CAPÍTULO II –VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS E PRECONCEITO SOCIAL	20
2.1 – Preconceito Social.....	20
2.2 – Variantes lingüísticas: Manifestação Ocasional Ou Intencional?.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

Desenvolvemos este trabalho, apoiados num conceito elementar e buscando parâmetros em pesquisadores consagrados, nos certificamos de que o fenômeno “variação lingüística” é um fato incontestável em todo o momento da formação e estruturação de nossa língua, ao retornarmos à língua-base, o latim, percebemos durante sua evolução, até os dias atuais, que tivemos mudanças renovadoras da língua.

A lingüística atual nos mostra que uma língua não é homogenia e deve ser entendida justamente pelo que caracteriza a trajetória dinâmica do homem, a diversidade, a possibilidade de adaptações e mudanças.

É necessário entender que tais mudanças, como se acreditava inicialmente, não se modificam somente no tempo, mas também se manifestam no espaço, nas camadas sociais e nas representações estilísticas.

Segundo Celso Ferreira da Cunha (1992, p. 70), ao traçarmos a linearidade histórica de nossa “língua brasileira”, notamos que essa “provém da língua portuguesa, que por sua vez provém do latim, que se entronca na grande família das línguas indo-européias”.

A adaptação da linguagem coloquial portuguesa no nosso país apresenta uma considerável diferenciação com o português de Portugal; há evidentemente, diferenças sintáticas, semânticas e fonéticas.

Divergências sintáticas – colocação não convencional dos pronomes oblíquos; uso da preposição **em** com verbos de movimento: chegar **na**, ir **na**...; o emprego do verbo **ter** em lugar de haver.

Diferenças semânticas: cápsula, no Brasil significa recipiente oco para portar um conteúdo qualquer, em Portugal significa tampa de garrafa. Cangaço, em Portugal significa resíduo de uvas; no Brasil, pode significar quadrilha. Rapariga, em Portugal, moça de pouca idade; no Brasil, também tem um sentido pejorativo, como prostituta.

Diferenças fonéticas: na fonologia do coloquial, as diferenças são mais relevantes, destacando-se, não só na emissão das vogais, como na das consoantes; **m**, em mínimo, mintira; **t**, em fonti, poti; e as vogais **ai**, em quêxo, bêjo e o acréscimo de **e**, após **r** e **l**, em sonhar, sol(**e**).

Somando-se aos fatores sociais, geográficos e históricos, outros mais vieram para aumentar a distancia entre o português do Brasil e o português de Portugal.

Sobre tudo, “a língua portuguesa encontrou rival no tupi, o qual, tornado língua geral, a ultrapassou, até o século XVIII” (SAMPAIO, 1957, p. 42).

Outra cultura que entrou em contato com o português do Brasil foi a africana. A necessidade de trabalhos braçais para cultivar as terras, trouxe o negro, que agregou ao nosso falar seu vocabulário e influência na pronúncia. De herança africana temos entre outras: macumba, cachaça, moleque, quindim, candomblé, cochilo, tanga, etc.

[...] Iniciado o tráfico entre Brasil e África, já na primeira metade do século XVI observou-se à confluência de línguas negro-africanas com o português europeu antigo (CASTRO, texto da WEB).

A consequência mais direta desse contato lingüístico e cultural foi a alteração da língua portuguesa na colônia sul-americana e a subsequente participação de falantes africanos na construção da modalidade da língua e da cultura representativas do Brasil.

Explicar o avanço do componente africano nesse processo é ter em conta a participação do negro-africano como personagem falante no desenrolar dos acontecimentos e procurar entender os fatos relevantes de ordem sócio-econômica e de natureza lingüística que, ao longo de quatro prosódico, sintático e, de maneira rápida e profunda, na língua falada. , favoreceram a interferência de línguas africanas na língua portuguesa, no Brasil. Isso se fez sentir em todos os setores: léxico, semântico, prosódico, sintático e, de maneira rápida e profunda, na língua falada (CASTRO, Texto da Web).

Com a chegada ao Brasil, os colonizadores portugueses trouxeram a cultura e a Língua Portuguesa, essa foi gradativamente enriquecida com vocábulos, e novas locuções, e a essas, somaram-se outras pronúncias. Além de recebermos influência das línguas indígenas e posteriormente africanas, também estão presentes em nossa língua, alguns vocábulos do oriente e de outras línguas européias.

De influência árabe temos: álcool, algarismo, café, Oxalá, alfaiate, etc. De origem francesa temos: holerite, toailete, abajur, champanhe, manchete, omelete, chique, chalé, etc. De origem inglesa temos: shopping, show, rock, caubói, clube, xampu, estresse, futebol, gol, short, etc.

Após observarmos a linearidade do desenvolvimento de nosso português, estamos certos de que a evolução da língua vem desde do início, e tudo indica que vai continuar. E mais ainda, a evolução passa gradualmente pela diversidade que é a flexibilidade e transitoriedade da língua.

No Brasil, hoje, o desnivelamento da língua é acentuado, devido a vários fatores como: social, histórico, geográfico e cultural. Portanto, devemos compreender as variações e estudar o que as provoca para entendermos o processo evolutivo lingüístico.

O idioma português que chegou a nossas terras, não permaneceu estático, por diversas influências já citadas.

Segundo Marcos Bagno:

Estamos numa etapa intermediária na história da nossa língua. Quinhentos anos atrás, ela podia ser chamada simplesmente de português. Hoje, ela pode e deve ser chamada de português brasileiro. Daqui a mais quinhentos anos, ela sem dúvida só poderá ser chamada de brasileiro. (BAGNO, 2001, p. 177)

No Brasil se revelam muitos falares que se justificam e condicionam para se adequar à realidade sócio-cultural de nosso país.

Muitas vezes, ao constatarmos a renovação da língua, mesmo sabendo que é fato indiscutível de seu dinamismo, ainda assim notamos dificuldades de coexistência dos múltiplos falares. O preconceito lingüístico é real e se manifesta todas as vezes que temos a identificação e o choque das diferenças lingüísticas por diferentes grupos. Há grupos que sofrem mais com esse preconceito, pois devido às diferenças sócio-econômicas, muitos ficam à margem do conhecimento da língua culta, portanto, ao verbalizarem seus pensamentos deixam transparecer essa marginalidade, ficando vulneráveis aos preconceitos de outros grupos mais favorecidos, socialmente e economicamente.

CAPÍTULO I - LÍNGUAGEM MULTIFORME

Em uma linguagem sistemática e coerente podem ocorrer diferentes formas de se comunicar através da língua, uma vez que variam no espaço: **diacrônica**, variação de uma língua no tempo. – variação **diatópica** – influências na língua por fatores geográficos.

Ao encontrarmos pessoas de regiões diferentes do Brasil, corriqueiramente nos deparamos com expressões lingüísticas típicas. Na fala de interioranos, por exemplo, no Estado de São Paulo, o **r** é retroflexo, como em porta, celular; já na região Nordeste são usadas as vogais **o** e **e** abertas, como em “Róberto e Sévérino”.

Ensina Bortoni-Ricardo que “No Brasil, a variação regional se manifesta mais na pronúncia de alguns sons, no ritmo, na melodia e em algumas palavras” (BORTONI: 2004, p. 30).

De acordo com Camacho (1988, p. 33) “existem múltiplos fatores originando variações, as quais recebem diferentes denominações.” Vejamos alguns exemplos:

- **Dialetos** – variações faladas por comunidades geograficamente definidas. Idioma é um termo intermediário na distinção dialeto-linguagem, e é usado para se referir ao sistema comunicativo estudado quando sua condição a iguala a linguagem.
- **Socioletos** – variações faladas por comunidades socialmente definidas. É a linguagem padronizada em função da comunicação pública e da educação.
- **Idioletos** – é uma variação particular, isto é, o vocabulário especializado e/ou a gramática de certas atividades ou profissões.
- **Etnoletos** – variação para um grupo étnico.
- **Ecoletos** – um idioleto adotado por uma casa.

Não podemos negar as diferenças que existem contidas em uma mesma comunidade de fala. A partir de novas situações vão se assinalando diferenças à medida que se avança no espaço geográfico. Da mesma forma se constata variações, dentro de uma mesma área geográfica, resultantes das diferenças sociais tais como educação do indivíduo, sua profissão, grupos com os quais convive, enfim, sua identidade. Tudo isso pode interferir e operar como modelador à fala de alguém.

1.1 - Fatores Promotores das Variantes.

Conforme Lemle (1978, p. 58), “[...] a heterogeneidade lingüística dentro de um vasto e diversificado país como o Brasil, é um fato natural e inevitável”. A variação faz parte da natureza da linguagem e é resultado da diversidade de grupos sociais e da relação que esses grupos mantêm com as normas lingüísticas.

De um modo geral, pode-se dizer que os fatores determinantes da heterogeneidade lingüística são três: o geográfico, responsável pela divergência lingüística entre comunidades fisicamente distantes uma da outra; o social, responsável pela divergência lingüística entre distintos subgrupos de uma comunidade local, sendo fatores potencialmente distintivos a estratificação social, a faixa etária, o sexo, a ocupação profissional dos falantes, o desejo ou interesse que eles têm em manterem características lingüísticas que os demarquem; o registro de uso, ou nível de formalidade atribuído ao encontro pelos interlocutores, numa gama que vai desde o mais coloquial ao mais formal (LEMLE, 1978, p. 61).

De acordo com afirmação de Camacho (1988, p. 29), “[...] toda língua é um objeto histórico que se transforma no tempo e se diversifica no espaço”. Tarallo (1985, p. 8) define variação lingüística como “[...] duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade”. Entendemos que fatores de diversidade lingüística não ficam limitados apenas a tempo e espaço, por isso concordamos com a afirmação de Camacho (1988, p. 30) de que a “[...] heterogeneidade se explica também por meio de variação social e estilística”.

1.2 - Variação Histórica

A variação histórica da língua não tem uma fronteira ou um marco definido, acontece gradualmente ao longo de um determinado período de tempo, pode ser identificada ao se comparar duas épocas distintas. Ao lermos alguns textos, na íntegra, do século XVII e XVIII nos deparamos com registros lingüísticos que se diferenciam dos atuais. Alguns termos se tornaram ultrapassados, outros permaneceram, mas sofreram pequenas alterações. Exemplificando, citamos o desuso de expressões com mesóclise: constatamos estranheza quando alguém lê trechos bíblicos com uma linguagem mais antiga. Os ouvintes manifestam falta de

intimidade com esses termos, apesar disso, muitas vezes concebem o teor de entendimento; uma vez que incoerências locais não destituem a coerência do texto.

As manifestações que ocorrem no sistema lingüístico sempre têm origem nas necessidades de expressão. O processo de mudança é gradativo, não acontece repentinamente. Uma variante inicialmente utilizada por um grupo limitado de falantes, se propaga e passa a ser adotada por indivíduos socialmente mais expressivos e ao se consolidar em uso, torna-se uma norma; a partir daí, temos uma variante como verdade. “O novo pode se sobressair ao antigo, assim como os arcaísmos podem se tornar presentes ou por fixar-se na fala popular [...] (PRADO MENDES, 2000, p. 47). O autor Prado Mendes, ao analisar a ausência de artigo definido diante de nomes próprios em algumas regiões mineiras, constatou como um caso de retenção lingüística, isto é, um conservadorismo do português dos séculos XVIII e XIX.

Assim em (1) e (2) abaixo, dados do português contemporâneo falado nas referidas regiões, em que há omissão do artigo definido diante de nomes próprios Edmundo e Olinto.

(1) “...aquele que é fio (filho) de Edmundo” (e não “filho do Edmundo”)

(2) “...Luís de Olinto cê cunhece ele?” (e não “Luís do Olinto”)

Este é, portanto, vestígio de uma maneira lingüística de períodos anteriores da língua portuguesa que não, ou pouco sofreu variações com o passar dos anos.

Ou ainda, retoma como fosse novidade, algo inédito. Neste caso temos, jovens que ao desconhecer a existência de determinadas palavras, ao se depararem com elas, se interessam e as lançam em seus grupos sob novo significado ou com o mesmo, mas tendo sempre como idéia primária ou modismo.

A palavra bico aparece nos dicionários com vários sinônimos. Entretanto, na linguagem de alguns jovens apareceu nos últimos anos com o sentido de, situação fácil de ser resolvida, algo simples. Por exemplo: Essa questão é bico.

As mudanças em decorrência do tempo podem ser de significado – amarelar, além de todos os significados encontrados no dicionário, como tornar amarelo, também é usado com o sentido de ficar com medo.

Mudanças de grafia – êle, tôdas (perderam o acento), cousa (escrita amplamente coisa).

Portanto, quanto à dimensão histórica da variação lingüística, podemos afirmar que possuímos formas diversificadas de nosso falar, por ora, haver resíduos

de estágios anteriores ou por estarmos mudando o uso dos vocábulos, para nos adequar a constante evolução temporal.

1.3 - Variação Geográfica

O Brasil é constituído por um amplo território, caracterizado por regiões geograficamente diversificadas. Com isso temos diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática.

Os estudos dos dialetos de caráter científico tiveram início no Brasil com o Dialeto Caipira, de Amadeu Amaral, publicado em 1920. O trabalho de Amadeu Amaral teve o mérito de chamar a atenção para a importância e a urgência de uma recolha sistemática dos nossos falares, condenados a desaparecerem pela progressiva nivelação cultural. Foi ele quem animou as pesquisas de Antenor Nascentes sobre o linguajar carioca e outros que seguiram.

Entre as divisões propostas em caráter provisório, sobressai a de Antenor Nascentes, fundamentada em observações pessoais colhidas em suas viagens por todos os Estados do País.

Antenor Nascentes fracionou o falar brasileiro em seis sub-falares, que reuniram em dois grandes grupos, os quais foram chamados de Norte e Sul.

Basta uma pequena frase ou uma simples palavra para ficar caracterizado a que grupo cada uma dessas pessoas pertence. Eles estão separados por uma zona que ocupa, uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. Essa faixa abrange, aproximadamente, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até o Estado de Mato Grosso.

Para Antenor Nascentes, o falar do Norte e do Sul apresenta traços diferenciadores fundamentais:

A abertura das vogais protônicas no Norte em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios terminados em *-mente*; a cadência do ritmo frasal, “cantada” no Norte, e normal ou descansada no Sul. Estes espaços admitem seis sub-falares – no Norte: amazônico e nordestino; e no Sul: baiano, fluminense, mineiro e o sulista (NASCENTES, 1966, p. 39).

A variação se manifesta com maior relevância no léxico (vocabulário), nas realizações de determinados sons, como o **r**, **o**, **e**, **t** e no ritmo da fala, de forma a distinguir regiões lingüísticas e falares.

Mas no plano semântico também se manifestam essas ocorrências. Para denominar uma planta muito conhecida como mandioca nas regiões do Estado de São Paulo e Minas Gerais, no Estado do Rio de Janeiro, é aipim, em Pernambuco, macaxeira. Evidenciamos aqui, uma clara manifestação lexical da sinonímia. É importante salientar que tal fenômeno ocorre no âmbito geográfico, mas tem seus fundamentos no histórico; uma vez que todas as variações provêm da língua indígena tupi, que por um período breve, durante a colonização, foi amplamente utilizada no país.

Notamos que dentro de uma comunidade expressiva, formam-se comunidades lingüísticas menores em torno de centros polarizadores da cultura, política e economia, que acabam por dar um norte aos padrões lingüísticos utilizados na região de sua influência. A globalização é um processo que de certa forma padroniza os falares. Uma forma de se expressar, que antes era peculiar de uma região do país; hoje, veiculada pela mídia, incorpora-se ao falar de regiões distantes. Vemos na decadente expressão “ficar para titia” (ficar solteirona, não encontrar casamento) era usada mais na região Sudeste. Em algumas regiões Norte e Nordeste se falava “ficar vitalina”, com o advento da televisão, hoje “ficar vitalina” e “ficar no caritó” caiu em desuso, são usadas mais nas dramaturgias como forma de evidenciar o falar nortista e do nordestino. Encontramos tais menções em textos de Rachel de Queiroz

[...] pouca gente saberá o que é vitalina e o que é caritó. Caritó é a pequena prateleira no alto da parede, ou nicho nas casas de taipa, onde as mulheres escondem fora do alcance das crianças, o carretel de linha, o pente, o pedaço de fumo, o cachimbo. Vitalina, conforme a popularizou a cantiga, é a solteirona, a môça-velha que se enfeita - bota pó e tira pó - mas não encontra marido. E assim, a vitalina que ficou no caritó é como quem diz que ficou na prateleira, sem uso, esquecida, guardada intacta (QUEIROZ, 2008).

A região mato-grossense, por exemplo, Antenor Nascentes não a considerava característica por ser praticamente despovoada na época em que ele propôs as divisões do falar brasileiro. Hoje, essa região está consideravelmente povoada e o falar ali desenvolvido, é muito semelhante aos sub-falares mineiro e sulista. Encontramos o r retroflexo pertinente às referidas regiões.

Entendemos que as diferenças lingüísticas entre as regiões de um mesmo país, são graduais e que nem sempre coincidem bruscamente com a fronteira física dessas mesmas regiões, há um gradiente de influências. A definição de áreas

lingüísticas fundamenta a indicação de diferenças e identidades, além de estabelecer, pelo confronto, as variáveis sociais vinculadas à distribuição espacial.

1.4 - Variação Social

A variação social está relacionada a fatores como etnia, sexo, faixa etária, grau de escolaridade e grupo profissional, poder aquisitivo. Os vários estudos que enfocam este tipo de relação língua/fatores sociais têm privilegiado a variação morfossintática ou a morfo-fonológica.

Segundo Jânia Martins Ramos:

[...] na comunidade belorizontina, por exemplo, a forma reduzida do pronome pessoal de 3ª pessoa ele para “eis” e “es” ocorre com maior freqüência e é, portanto, favorecida na fala das pessoas de baixa escolaridade, isto é, que têm apenas o 1º grau (RAMOS, 1998, p. 88).

Fica patente que a variação social não compromete a compreensão entre indivíduos, uma vez que algumas expressões desarmônicas são sanadas pelo contexto em que a fala está inserida.

Fica evidente que a norma culta, por diversas razões de ordem política, econômica, social, cultural, é algo reservado a poucas pessoas no Brasil; talvez porque haja um distanciamento entre a padronização gramatical e a obediência dos falantes em seguir tais padrões. Há uma interrogação intrínseca neste fato: “Existe alguma disfunção, alguma impossibilidade de uso da gramática normativa pela grande maioria dos falantes?” ou “Estamos apenas a observar a língua como um fator de identidade?” Sendo esse o caso, a língua como um referencial humano, traria inúmeras variações, porque evidentemente não somos todos iguais e devido ao meio espacial ou social em que vivemos, haverá uma tendência da língua em se caracterizar por esses fatores, dessa forma, o indivíduo que protagoniza a fala poderá adequá-la a seu perfil ou ao grupo a que pertence.

Com referência às variantes lingüísticas, conforme Tarallo:

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolingüístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da

comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [O], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não-padrão (TARALLO, 1985, p. 11-12).

Conforme Martinet (1964) “uma língua é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fônica [...]”

Comunidades diferentes vivenciam experiências diferentes e isto se reflete nos respectivos sistemas lingüísticos: léxico, morfológico e sintático. Uma comunidade de médicos certamente apresentará uma variante lingüística bem distinta de uma comunidade de agricultores do interior do Brasil. Cada um fará uso do recurso lingüístico que lhe foi concebido em seu processo de aprendizagem para efetuar a comunicação.

Diante do exposto, chegamos a conclusão que a língua signo/privilegiado de identidade não é um instrumento neutro, um mero meio de comunicação entre os homens, mas principalmente a exteriorização de sua diferença.

1.5 -Variação Estilística

A variação estilística se faz presente na expressividade individual de uma língua e considera um mesmo indivíduo em diferentes situações de comunicação: se está em ambiente familiar, profissional, o grau de intimidade, da natureza do assunto tratado e quem são os receptores alvos.

Tendo como vetor orientador as três dimensões de W. BRIGTI – emissor, receptor e situação – entendemos que a identidade do emissor determina as variedades lingüísticas. A do receptor implica a opção do tratamento e uma busca de adaptação, como por exemplo, quando o adulto se dirige a uma criancinha; a situação determina uma variedade mais informal e mais próxima da concepção de entendimento do receptor para que haja comunicação, que é o princípio básico da língua.

Sem levarmos em consideração as graduações intermediárias, é possível identificar a proximidade dos extremos de estilo: o coloquial, quando é mínimo o grau de reflexão do indivíduo sobre as normas lingüísticas utilizados nas conversações imediatas do cotidiano; e o formal, em que é aplicado um grau

esmerado de reflexão, utilizado em conversações que não são coloquiais e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo.

Temos vários componentes orientando a opção da variação específica para cada situação. Entre esses vários componentes, destacamos a influência da profissão. Um indivíduo pertencente a um grupo profissional, quando desenvolve um léxico altamente especializado, é em determinadas ocasiões, inacessível aos leigos. Isto ocorre, por exemplo, no instante em que um paciente de pouca escolaridade ouve um diagnóstico médico feito dentro do vocabulário específico da medicina, mas fora do conhecimento do paciente; em um parecer judicial, quando o juiz, promotor ou advogado expõem os fatos analisados, utilizando vocabulário jurídico excessivo, para um júri, que apesar de ter uma escolaridade média, não consegue compreender a exposição na íntegra, devido aos inúmeros termos em latim e vocabulário muitas vezes rebuscado.

É constatado que as pessoas ficam muito mais propensas a apresentar desvios maiores às normas gramaticais, na língua falada, isto talvez pela rapidez e outros recursos como gestos e expressões com que se pode efetuar a comunicação. Em contrapartida, verificamos que ao se registrar a língua de forma escrita, temos mais cuidado e preocupação em estar em conformidade com as normas gramaticais, observando que na grafia os desvios ficam mais em evidência do que na fala. Segundo Camacho (1988):

Sendo a variação estilística o resultado da adaptação da forma lingüística específica do ato verbal, relativamente às circunstâncias em que se produz, é evidente que tantas são as variedades quantas são as situações momentâneas em que se realiza atividade verbal.

Nesse sentido, cada ato lingüístico apresenta um estilo específico [...] Não há dúvida que a modalidade escrita como forma de expressão verbal pressupõe sempre um certo grau de reflexão por parte do indivíduo [...] nem por isso, entretanto, as noções se confundem ou se correspondem estritamente, visto que se pode observar as manifestações da variação estilística tanto numa como noutra modalidade [...] (CAMACHO, 1988, p. 34 e 35).

Considerando por base as informações até então, concluímos que as várias modalidades de variação lingüística não existem isoladamente, há certamente, uma interação entre elas. Uma variante histórica pode resultar em uma variante geográfica; assim como uma variante geográfica pode resultar em uma variante social ao se considerar a migração entre regiões.

A coexistência de variedades lingüísticas no Brasil nos leva ao entendimento de que há uma assimilação da pluralidade, contudo devemos ter um referencial de convergência, para que não haja uma dispersão irreversível da nossa fala, livre de

regras, dificultando a formalização da escrita, dando margem a ambigüidade. Vemos nesse caso, o favorecimento e a escolha da norma formal como “certa”, uma vez que é essa a ensinada nas escolas e tida como forma de ascensão social. Vemo-la num caminhar mais arrastado no processo renovador da língua, pois está sempre presa às estruturas mais antigas por ter raízes mais profundas no português arcaico.

Entretanto, quando nos deparamos com a priorização do ensinamento da norma culta, entendemos ser um procedimento necessário, pois caso contrário, estaríamos cada um escrevendo e falando uma língua tão restrita, quase individual, uma “Torre de Babel”, comprometendo a comunicação, objetivo principal de uma língua. Não queremos menosprezar as variantes, pelo contrário, sabemos o quão é importante a sua contribuição para a agilidade de adaptação e atualização da língua, diante da dinâmica imposta a sociedade pela globalização, modernização dos transportes e meios de comunicação em geral.

CAPÍTULO II – VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS E PRECONCEITOS SOCIAIS

2.1 – *Preconceitos Sociais*

No Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo lingüístico entre os falantes das variedades não padrão do português brasileiro – que são a maioria de nossa população e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola (BAGNO: 2005, p. 16).

O preconceito lingüístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna desse nome e seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação lingüística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO: 2005, p. 40).

Segundo o autor Marcos Bagno, devemos repensar a língua que se fala por aqui, sem considerar que ela é cheia de erros. Deixando esse preconceito de lado, a missão é passar a reconhecer que essa língua constitui, de fato, a nossa língua materna e o nosso meio de expressão.

Vejamos trecho da entrevista do autor, dada ao *Jornal do Comércio*:

[...] O preconceito lingüístico é um conjunto de idéias distorcidas que se baseia no mito de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, prescrita nas gramáticas e compendiada nos dicionários. Qualquer manifestação lingüística que escape desse domínio escolar-normativo é considerada, pelo preconceito lingüístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir que "isso não é português". [...]

[...] O português padrão é a língua falada pelas pessoas que detêm o poder político e econômico e estão nas classes sociais mais privilegiadas, que nós sabemos que são uma pequena minoria na população do Brasil, país que detém o triste recorde mundial de pior distribuição da riqueza nacional entre as camadas sociais.[...] O português não-padrão é a língua da grande maioria pobre e dos analfabetos do nosso povo. [...] (BAGNO,1998).

A norma culta está relacionada à linguagem da classe dominante. Entretanto, essa classe não é homogênea, nem composta por indivíduos de um único meio ou com a mesma formação. Apenas uma minoria se encontra preparada e confiante em utilizá-la.

Em contraposição, há uma grande maioria que utiliza a língua de forma coloquial; a comunicação é feita conforme seu dialeto e dentro de uma prática lingüística eficaz, comprometida com as condições contextual.

Essa maioria, com seu falar descomprometido da norma padrão, promove as variações, ora de forma ocasional, seu dialeto é inerente à sua formação, ora de forma intencional, tem a língua como mediação simbólica de sua identidade.

Segundo LUFT (1998), uma língua viva está em constante evolução: dialetos, gírias, neologismos, estrangeirismos, tudo faz parte dela, dessa ebulição que a mantém animada.

2.2 - Variantes Linguísticas: Manifestação Ocasional Ou Intencional?

Sabemos que a variação lingüística é um fato incontestável e abrangente, e que a simultaneidade da língua padronizada pela gramática normativa com existência das diversas formas que o falante usa para o processo da comunicação, divergem no campo da prática oral e escrita.

Os motivos que promoveram tantas variedades foram expostos nos capítulos anteriores, mas uma indagação surge: “Temos, enquanto operadores da língua, consciência da versatilidade do nosso idioma”?

Sob o ponto do usuário da língua, como ponto preponderante na escolha de formas específicas de efetuação lingüística, acreditamos que podemos nos portar de maneira consciente ou inconsciente, perante a atuação das variedades da língua materna.

As variantes provocadas pelas influencias geográficas e históricas, tendem a fluir pelos falantes de forma que estes nem percebam a ocorrência das mudanças na língua. Talvez porque sejam tênues para o indivíduo enquanto as emprega na comunicação; uma vez que as mudanças ocorridas por estes fatores são lentas e gradativas.

Todavia entendemos que os fatores social e estilístico agem na formatação de nossa língua sob a harmonia da sincronia presente, tornando a comunicação, um

processo de construção de significados em que ocorre interação do sujeito com a sociedade. A língua assim será usada como instrumento de definição do que é o “indivíduo” entre o “coletivo”, A variação lingüística surge intencionalmente.

Um grupo com afinidades, quer por força da situação geográfica, social, cultural ou profissional, adota certos comportamentos constantes em termos de comunicação. É uma forma de isolamento, de distinção, através de uma linguagem específica, principalmente no campo léxico. Fica claro que esse comportamento lingüístico é decorrente do próprio comportamento social e a criação dessa linguagem particular, serve a diversos objetivos como: o desejo de privacidade, isto é, de ser entendido apenas por elementos do grupo, como também de auto-afirmação.

Temos como exemplo a linguagem dos internautas. O advento da internet trouxe muitas transformações e inovações e dentre elas no campo textual, que se difere significativamente de outras formas escritas tradicionais. Este tipo de texto apresenta novas características, uma vez que a própria escrita adquire uma nova forma, identificada por elementos verbais e não verbais, como imagem, ícones e som. Ao se criar essa nova linguagem específica, as comunidades da internet acabam por criar uma sociedade lingüística restrita com suas especificidades próprias como: ausência de pontuações, ausência de acentuação gráfica, processos de redução e processos de alterações ortográficas.

Todas essas modificações têm uma questão humana presente – construir e agregar novos amigos. No anseio de criar elos com indivíduos que compartilham os mesmos interesses; cria-se um dialeto próprio que os agrupe e ao mesmo tempo os distancie dos demais falares. Atualmente, a rede da internet promove uma nova modalidade de escrita, caracterizada por várias tipologias textuais que conseqüentemente, pede novas formas de leitura e escrita que trazem uma outra dimensão para os papéis de autor e leitor. É necessário acompanhar com cautela, pois já há variações do próprio vocábulo “internetez”

Essa necessidade de utilizar a língua como ponto de referencia e particularizado, também fica evidente no grafite e na pichação. Tais manifestações lingüísticas são entendidas como signos presentes no cenário de imagem das grandes cidades contemporâneas apresentando o seu caráter dialógico.

Existem na cidade de Belo Horizonte, diversos *crews* (grupos de pessoas de uma mesma região) que se manifestam nos muros através de siglas, junto aos

apelidos dos pichadores. Seus traços lingüísticos em alguns momentos são tão particulares que para o leitor de fora do grupo, é incoerente e sem estruturação.

O que percebemos nesta manifestação lingüística é a necessidade de se expressar diante da massa e dizer, eu existo, e estou aqui como individuo, sob a forma de vestígios escritos em paredes e muros.

Portanto, há uma intencionalidade de se criar uma variação própria para a auto-afirmação e particularização do usuário da língua. E isso não ocorre somente nos dias de hoje. No passado durante o século XVI, período da colonização brasileira, os errantes e presos nas galés das embarcações marítimas, criaram um vocabulário “especial e secreto”, o calão.

As variações lingüísticas podem ocorrer espontaneamente como resultado dos fatores espaço e tempo, mas também intencionalmente como recurso de individualidade, quer por uma pessoa ou uma comunidade.

Independentemente da intencionalidade ou não, no emprego das variações, torna-se importante evidenciar os vocabulários diferenciados, como uma forma dos grupos marcarem presença na comunidade e seu papel de fator de projeção no meio social, cultural, geográfico ou profissional.

Em uma das entrevistas ao Terra – esporte – 2008, Felipe Massa, após sofrer um acidente automobilístico, disse:

Foi uma grande batida, mas faz parte do jogo. Já sofri acidentes piores na minha carreira. Foi forte, mas saí do carro sem nenhum problema. Fui ao centro médico, fiz todos os testes possíveis e está tudo bem (Massa, 2008).

Analisando as declarações de Massa, no trecho que diz: **fiz todos os testes**, concluímos que se fosse dito por alguém não pertencente ao mundo da Formula 1, certamente, diria: **fiz todos os exames**. Vemos nessas declarações, um linguajar característico de uma categoria profissional.

É importante desmistificar a língua padronizada e respeitar a riqueza cultural presente nos falares que compõem a “língua brasileira”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em decorrência dessas pesquisas, verificamos a riqueza de nossa língua e chegamos à conclusão, o quão é importante ampliarmos o leque do nosso conhecimento, para que possamos nos valer da versatilidade na comunicação.

Vimos que a variação da língua é um fato incontestável, conforme a nova lingüística, é gradual e constante desde do nascimento do latim que é a língua mãe do português, até os dias atuais, variantes que contribuíram para a adaptação e atualização da comunicação, frente à dinâmica da sociedade.

Constatamos que a linguagem multiforme é influenciada por vários fatores como o histórico, geográfico, social e estilístico, entre outros.

Em nossas pesquisas vimos que as variações não acontecem da noite para o dia, elas são, como já dito anteriormente, graduais e constantes, como respostas a evolução da humanidade.

Concordamos também com o pensamento de que a assimilação dessa pluralidade que é a variação da língua, é saudável em função da nova ótica da sociedade, no surgimento de novas profissões, novos meios de comunicação, formas de protestos e manifestações artísticas etc.

Constatamos que a linguagem pode ser um fator de inclusão ou de exclusão social, decorrente de um preconceito, onde as variações lingüísticas denotam falta de conhecimento da norma culta da língua.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**. Tradição gramatical, mídia e exclusão social. S Paulo: Ed Loyola, 2001.

BAGNO, Marcos. *Jornal do Comercio*, 1998.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2005.

BORTONI, Ricardo. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

CAMACHO, Roberto Gomes. **A variação lingüística**. In: Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988.

CASTRO, Yeda Pessoa de **Influência das línguas africanas no português brasileiro**. Texto da Web.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 12 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1992.

LEMLE, M. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa**. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro (53/4): 60-94, abr./set., 1978.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna**. 6º ed. São Paulo: Ática, 1998.

MARTINET, André. **Elementos de lingüística geral**. Trad. de J. Morais-Barbosa. Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1964.

MASSA, Felipe, apud esportes.terra.com.br, **Texto da Web**, 12/07/2008

NASCENTES, Antenor. **Tesouro da Fraseologia Brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A. , 1966.

PRADO MENDES, Soélis T. (2000) **A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: caso de retenção?**, dissertação de mestrado, FALE/UFMG.

QUEIROZ, Rachel **Vitalinas** *O Cruzeiro* (19/09/2008).

RAMOS, Jânia M **História Social do Português Brasileiro: perspectivas**, in CASTILHO, A (org) *Para uma história do português brasileiro*, São Paulo: Humanitas, 1998.

SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na Geografia Nacional**. 4ª ed. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 1957.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.